



Associação Conquistas da Revolução

N.º 5 | ABRIL 2014

Folha Informativa

EDITORIAL

- 02 | *A defesa dos valores de Abril. 40 anos de luta.*
- 03 | *Um agente colaboracionista.*
- 04 | **AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES:**
Parlamento Europeu.
- 07 | **LIVRO ACR:**
Conquistas da Revolução.
- 08 | **Conquistas da Revolução:**
OS DIREITOS INDIVIDUAIS E COLECTIVOS.



PRÓXIMAS INICIATIVAS:

- **23 ABRIL 2014 - 18h - LISBOA**
Casa do Alentejo
Lançamento do livro "Conquistas da Revolução", edição ACR.
- **30 ABRIL 2014 - 20h - LISBOA**
Campolide, Restaurante Valenciana,
Jantar comemorativo do 40º aniversário do 25 de Abril.

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

No 40º aniversário do 25 de Abril

Nestas comemorações do dia da Liberdade, passo decisivo para a Revolução de Abril e para as suas conquistas históricas, a *Associação Conquistas da Revolução* saúda fraternalmente, **todos os militares de Abril** que na, madrugada do dia 25 de Abril de 1974, dando sequência à longa resistência, derrubaram o regime fascista e restituíram a liberdade ao povo português, **o movimento de antifascistas e de opositores**, incansáveis lutadores pela liberdade, durante quarenta e oito anos, **o movimento operário e popular** que, em aliança com o MFA, liquidou os sustentáculos essenciais do regime, pondo a riqueza e a produção nacionais ao serviço dos interesses dos trabalhadores, **os governos provisórios**, cuja preocupação maior foi o bem-estar do Povo, tendo à sua frente aquele que foi o único primeiro-ministro, até hoje, a identificar-se totalmente com os interesses de Portugal e da imensa maioria dos portugueses: o General Vasco Gonçalves, **os deputados da Assembleia Constituinte** que estoicamente lutaram para consagrar as conquistas da revolução na Constituição da República Portuguesa de 1976, **os trabalhadores** que, nos últimos 38 anos, com grande coragem e determinação, têm combatido as políticas de direita e do grande capital contra Abril, **os jovens** - a pensar nos quais nasceu o projecto de futuro que foi a Revolução de Abril, **os idosos e reformados** que o actual poder transformou em alvo a abater na sua senda da quebra da coesão social e do empobrecimento geral do país, **os homens e mulheres** que, de Norte a Sul do país, em iniciativas do mais diverso tipo, participam nas Comemorações Populares e assumem com essa participação o compromisso de prosseguir a luta pelos ideais e valores da Revolução de Abril.

A defesa dos valores de Abril. 40 anos de lutas.

Nos últimos 40 anos - e dando continuidade a quase meio século de heróico combate ao regime fascista - os trabalhadores e o povo português foram protagonistas de algumas das mais significativas e expressivas lutas desenvolvidas no continente europeu.

Quando, logo no dia 25 de Abril, as massas trabalhadoras e populares vieram para a rua, em multidão, apoiar a acção do Movimento dos Capitães e assegurar a conquista das liberdades através do seu exercício, a Revolução de Abril começava a despontar.

E o grandioso primeiro 1º de Maio, confirmando a força do movimento operário e popular e da sua aliança com o MFA, foi o primeiro passo de um processo revolucionário que, feito de poderosas lutas, de gigantescas manifestações de massas, viria a transformar profundamente o nosso País e - com a aprovação da Constituição da República Portuguesa, matriz da Democracia de Abril - a constituir o momento mais luminoso da nossa história colectiva.

A esse caudal impetuoso de lutas que, no decorrer de dois anos, conduziria às históricas Conquistas da Revolução, seguiu-se o ciclo, já com 38 anos de existência, de luta resistente: luta em defesa das conquistas face à ofensiva dos inimigos de Abril; luta contra a política de

direita dos sucessivos governos PS/PSD/CDS; luta tendo sempre como referências primordiais os valores da Revolução de Abril e das suas Conquistas.

Greves gerais; greves sectoriais e de empresas; manifestações e concentrações de âmbito nacional, regional e local; vigílias; protestos – envolvendo todos os sectores da actividade nacional - de tudo isto, e de muito mais, tem sido feita a resistência à ofensiva contra-revolucionária por parte dos trabalhadores, organizados na sua Central Sindical, a CGTP-IN. Numa luta difícil e dura, tantos e tão grandes são os obstáculos que se lhe deparam, tantas e tão fortes são as armas de que dispõe o inimigo de classe, para o qual o vale-tudo é a regra. Mas uma luta para prosseguir, alargar e intensificar e que, por isso, é para vencer. Por isso e porque tem nos valores de Abril a sua fonte de força essencial.





Um Agente Colaboracionista

40 anos após o 25 de Abril, o país está mais triste, mais pobre e mais desiludido. O país está dominado por um poder totalmente contrário aos ideais de Abril, que se empenha no restauracionismo, iniciado no 25 de Novembro. Recorre-se ao embuste e à mentira com toda a ligeireza, aniquilando-se qualquer expectativa de melhoria. O governo envergonha o 25 de Abril. Falar verdade para o Primeiro-ministro é um acidente de percurso.

Reina a insegurança e a instabilidade social. Muitos patrões aproveitam-se de excesso de mão obra existente e pagam ordenados vergonhosos e proporcionando aos trabalhadores condições de trabalho afrontosas. Verifica-se uma confrontação permanente com o povo português, com as conquistas da Revolução e com a Constituição da República. Tem vindo a ser utilizada uma força repressora, nem proporcionada nem adequada. Aumenta a insensibilidade e mesmo desprezo pelos mais pobres, mais velhos e mais desprotegidos, levando a manifestações de desespero por esta exclusão da sociedade. Contudo há limites que não podem ser ultrapassados. Que são os da dignidade humana.

A União Europeia em desagregação, arastada pela Alemanha, enveredou por uma via que alimenta políticas neo-nazis. O recente apoio à Ucrânia é uma obra-prima de malícia. O Primeiro-ministro, expoente máximo do restauracionismo, não tem um pensamento próprio. A sua cabeça foi aspirada pela Sra. Merkel, juntamente com a nossa soberania.

Não passa dum agente colaboracionista, destinado a consumir a submissão em Portugal, do poder político ao poder económico, sempre acororado perante o poder da grande finança dos ditames alemães. Sente-se orgulhoso por quase ter liquidado o nosso tecido produtivo.

É preciso continuar a luta para apearmos este governo e enfraquecer os representantes deste poder económico que nos esmaga. Há que interromper este ciclo de consolidação destas forças. O nosso Povo tem meios para o fazer, desde que não lhe falte nem a vontade nem a inspiração.



AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES: Parlamento Europeu

Fascismo amigável?

Fascismo de mercado. Mudar de Política.

Após o desmantelamento da URSS os neo-liberais de todos os matizes convenceram-se, mais uma vez, de que o capitalismo tinha garantida a eternidade, podendo regressar impunemente ao “modelo” puro e duro do século XVIII.

Reinventando o estado mínimo, o estado capitalista munuiu-se de outras armas, para cumprir o seu papel nas condições históricas das últimas três a quatro décadas. Antikeynesiano, apostou na privatização do sector público empresarial; na destruição do estado-previdência, na criação das condições para a hegemonia do capital financeiro; na plena liberdade de circulação de capitais; na liberdade absoluta da “indústria” de produtos financeiros derivados; na independência dos bancos centrais, senhores absolutos da política monetária, retirada da soberania dos estados e posta ao serviço exclusivo da estabilidade dos preços; na desregulamentação dos mercados; na redução dos salários reais e dos direitos dos trabalhadores, em nome de uma pretensa competitividade; na flexibilização e desumanização do Direito do Trabalho.

Foi o reino do deus-mercado, foi a vitória

do capitalismo de casino, foi a assunção (sem disfarce) do capitalismo como a civilização das desigualdades. A política de globalização neoliberal, apostada na imposição de um mercado único de capitais à escala mundial, assente na liberdade absoluta da circulação de capitais, conduziu à supremacia do capital financeiro sobre o capital produtivo e à criação de um mercado mundial da força do trabalho, acentuando a exploração dos trabalhadores (graças ao aumento de reserva de mão-de-obra) e as ameaças do fascismo amigável e do fascismo de mercado, de que falavam já, no início de 1980, B. Gross e P. Samuelson.

A «ordem económica neoliberal (conhecida por globalização neoliberal) foi imposta a todo o mundo a partir dos principais países capitalistas do centro para os países menos desenvolvidos da periferia, muitas vezes à custa de severas crises na Ásia e na América Latina durante os anos de 1990 e depois de 2000. Como em qualquer estágio do imperialismo, os principais instrumentos destas relações internacionais de poder, para além da violência económica directa, são a corrupção, a subversão e a guerra. O principal instrumento político é sempre o estabelecimento de um governo local amigo. A colaboração das elites do país dominado é essencial, bem como, no



capitalismo contemporâneo, a acção de instituições internacionais como a NATO, o FMI, o Banco Mundial e a OMC.

Hoje é muito claro que o elemento fundamental para a caracterização da globalização neoliberal é a hegemonia do capital financeiro, justificando perfeitamente o epíteto de capitalismo de casino. A especulação acentuou a instabilidade e a incerteza, o que significa um agravamento dos custos de funcionamento da economia.

Ora o que todos os governos da União Europeia estão a fazer é precisamente o contrário: as políticas neoliberais que prosseguem provocam recessão, aumentam o desemprego, reduzem duramente os rendimentos dos mais pobres e aumentam as já gritantes desigualdades sociais.

Keynes acreditava na socialização do investimento, sem necessidade de revolução. Nunca foi um revolucionário. Ele tinha ideia de que havendo capital abundante baixariam as taxas de juro (para zero) nos próximos 25 anos. Diferentemente

as políticas que têm vindo sendo levadas a cabo nas últimas décadas por todos os defensores da cultura dominante de matriz neoliberal empenham-se activamente em criar condições favoráveis à especulação e em proteger os que vivem das “rendas” da especulação bolsista, das “rendas” da especulação imobiliária e de todas as rendas de tipo feudal garantidas pelo estado capitalista, agora na veste de “estado garantidor”.

Ora o neoliberalismo não existe fora do capitalismo, antes corresponde «a uma nova fase na evolução do capitalismo». O neoliberalismo é o capitalismo na sua essência de sistema assente na exploração do trabalho assalariado, na maximização do lucro, no agravamento das desigualdades.

Avelãs Nunes

*Presidente da Assembleia Geral da ACR
(Excertos da sua obra “A Crise do Capitalismo”)*





PRÓXIMAS INICIATIVAS:

| ABRIL / MAIO 2014

Várias intervenções comemorativas

do 40º aniversário do 25 de Abril junto de escolas, faculdades, autarquias, colectividades e outras instituições.

| 7 ABRIL 2014 - 18h PORTO

(ACR - Núcleo do Porto)

Clube Fenianos Portuenses

Homenagem a Vasco Gonçalves.

Intervenções de Vitor Ranita, Avelãs Nunes e Duran Clemente.

| 23 ABRIL 2014 - 18h Casa do Alentejo

Lançamento do livro “Conquistas da Revolução” - edição ACR.

| 30 ABRIL 2014 - 20h00 LISBOA

Campolide, Restaurante Valenciana

Jantar comemorativo do 40º aniversário do 25 de Abril.

Inscrições pelo telefone ou e-mail da ACR.

| 3 MAIO 2014 - 16h00 RIO MAIOR

Escola Superior de Desporto

Espectáculo de Homenagem

a Ary dos Santos.



ACTIVIDADES RECENTES:

| 10 JANEIRO 2014 - 21h30 GAIA

Espectáculo de Homenagem a Ary dos Santos.

| 3 ABRIL 2014 - 17h LISBOA

Casa do Alentejo

Assembleia Geral Ordinária.

Foi aprovado o “Relatório e Contas da Direcção e O Parecer do Conselho Fiscal” relativo a 2013.

Foram consagrados sócios de mérito, **Maria Lamas, José Saramago, Rosa Coutinho, Ary dos Santos, Costa Martins e Ramiro Correia.**



www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

Sugere-se a visita ao blogue da ACR onde são publicados todos os comunicados e noticiadas as iniciativas da Associação.



José Saramago (1922-2010)

Consagrado Sócio de Mérito

*da ACR, em Assembleia Geral,
3 de Abril de 2014.*



“Por outras e mais claras palavras, digo que os povos não elegeram os seus governos para que eles os “levassem” ao Mercado, mas que é o Mercado que condiciona por todos os modos os governos para que lhe “levem” os povos. E se falo assim do Mercado é porque é ele, hoje, e mais que nunca em cada dia que passa, o instrumento por excelência do autêntico, único e insofismável poder, o poder económico e financeiro mundial, esse que não é democrático porque não o elegeu o povo, que não é democrático porque não é regido pelo povo, que finalmente não é democrático porque não visa a felicidade do povo. O nosso antepassado das cavernas diria: “É água”. Nós, um pouco mais sábios, avisamos: “Sim, mas está contaminada”. *José Saramago*



A nossa primeira edição

LIVRO “CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO”

Compilámos em livro, as referências aos principais diplomas legais que consagraram as grandes Conquistas de Abril, quer por força do Programa do MFA quer por força do processo revolucionário que lhe sucedeu.

Lançamento 23 Abril | 18h00 | Casa do Alentejo





Conquistas da Revolução: OS DIREITOS INDIVIDUAIS E COLECTIVOS

Os direitos fundamentais tiveram a sua primeira proclamação na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em Agosto de 1789, na sequência da vitória da revolução americana contra o colonialismo inglês e da revolução francesa. Mais tarde, em 1948, foi aprofundada dando origem à Declaração Universal dos Direitos (hoje) Humanos, na sequência da derrota do nazi-fascismo. Em Portugal, é na Constituição de 1911 que, de forma sistemática, são consagrados direitos fundamentais, embora as lutas liberais do Séc. XIX tenham já prometido algum avanço, mas que a Constituição de 1933 virá a derrogar não tanto pela omissão no texto, mas fundamentalmente pela possibilidade de por lei aqueles serem postergados (como agora se tenta). É com a Constituição de 1976, a grande conquista da Revolução de 25 de Abril, que são consagrados os direitos fundamentais individuais e colectivos. Desde o princípio da igualdade pela qual todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei independentemente das suas opções; ao direito à liberdade, à segurança e ao trabalho; à inviolabilidade do domicílio sem mandato judicial e do sigilo da correspondência; passando pela inviolabilidade da liberdade de consciência, de religião e de culto, de reunião e manifestação e de associação. Mas também os direitos colectivos são consagrados, consubstanciados, entre outros, na constituição de partidos políticos, no direito de petição e acção popular, nas comissões de trabalhadores e liberdade sindical, na contratação colectiva e na greve. E a nossa Constituição consagra também o direito à segurança social com a participa-

ção das associações sindicais e outras organizações representativas dos trabalhadores; o direito à protecção da saúde através de um sistema universal e geral; o direito à habitação adequada a cada família em condições de higiene e conforto.

Por estes e outros direitos que a Revolução de Abril conquistou e a Constituição de 1976 consagrou, temos que nos manter vigilantes e disponíveis, sempre, para a sua intransigente defesa e cada vez mais e melhor informados para mobilizar ainda mais portugueses na defesa da nossa Constituição que, se cumprida, trará a todos uma vida digna e a Portugal a Soberania plena.

José Sucena

Membro do Conselho Fiscal da ACR



Defender Abril · Construir o Futuro

Associação Conquistas da Revolução

Edição: Associação Conquistas da Revolução
Coordenador: Duran Clemente • Design: Ana Neves

E-mail: conquistasdarevolucao@gmail.com

Blogue: www.conquistasdarevolucao.blogspot.com | Site: www.conquistasdarevolucao.pt

DEPÓSITO LEGAL 360191/13

INFOS

| QUOTAS

Solicita-se aos associados que queiram efectuar o seu pagamento, por depósito bancário, que o façam para:

NIB 0035 2178 0002 9245 6304 6